

CÍRCULOS DE CONTAÇÃO DE SI: UMA METODOLOGIA DE TRABALHO, FORMAÇÃO E INTERVENÇÃO SOCIAL COM JOVENS DA PERIFERIA

Osmar Rufino Braga; Alessandra Sávia da Costa Masullo; Sávia Augusta Oliveira Régis

(Universidade Federal do Piauí - osmarbraga@ufpi.edu.br; Universidade Federal do Ceará – alessandramasullo@gmail.com; Universidade Federal do Ceará - saviaaugusta.22@gmail.com).

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa de doutoramento em educação, realizada em 2013, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, que teve como grupo-sujeito dezoito jovens ligados ao campo da arte e da cultura, do bairro Pici, periferia da cidade de Fortaleza, no Estado do Ceará. O estudo favoreceu a criação de um dispositivo de pesquisa, formação e intervenção: os *Círculos de Contação de Si* (CCS), o qual buscou responder a seguinte questão-problema: que processos formativos de produção de si, e do outro, são vividos nos grupos juvenis e como é pensada a produção da vida pessoal e coletiva no contexto da periferia? O trabalho buscou ancoragem teórica e metodológica na autobiografização ou histórias de vida, na perspectiva museológica da educação, nos conceitos de “tecnologias do eu” e “experiência de si”, bem como no conceito de multirreferencialidade e na ideia de “cenas fulgores”, um componente utilizado nos *Círculos de Contação de Si* apoiado no conceito de “corpo biográfico”. O dispositivo CCS e sua implementação supõem as etapas: 1. Construção da Linha da Vida e das Narrativas de Si, através das quais as pessoas escrevem sua trajetória em forma de texto. 2. Reflexão dialógica sobre as Narrativas de Vida, momento de reflexão individual e coletiva sobre as histórias de vida. 4. Apresentação e reflexão das narrativas a partir de linguagens de sons, imagens e cenas fulgores. 5. Construção dos Projetos-Futuro, momento em que os sujeitos buscaram sistematizar feições dos possíveis ligados as suas histórias e trajetórias formativas. Os CCS contribuíram para organizar a mente, mobilizar um pensar articulado, integrado, um refletir complexo – tecido junto, e a sistematização das histórias de vida no processo de biografização, tendo sido possível refletir sobre aspectos da vida dos jovens e das jovens, de sua trajetória formativa, relacionados à dimensão familiar, à dimensão cognitivo-experiencial, a dimensão coletiva, à dimensão estético-expressiva e a dimensão laboral.

Palavras-chave: Círculos de contação de Si, juventudes da periferia, formação de juventudes, periferia, histórias de vida.

INTRODUÇÃO

O presente artigo situa-se na área de educação e da sociologia da juventude e é resultado de uma pesquisa¹ de doutoramento em educação, realizada em 2012, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. A pesquisa teve como *locus* uma periferia da cidade de Fortaleza, o Pici², no Estado do Ceará, e como grupo-sujeito dezesseis jovens, todos e todas ligados ao campo da arte e da cultura, lugar a partir do qual enfrentam a realidade de violência, fortemente marcada pela letalidade juvenil, e interferem nas situações de vulnerabilidade social. O trabalho também dialoga com a pesquisa autobiográfica, visto que favoreceu a criação de um dispositivo de pesquisa, formação e intervenção: os *Círculos de Contação de Si* (CCS).

A referida pesquisa traz uma contribuição importante e inovadora, uma vez que transcende a tônica dos trabalhos autobiográficos³, na sua maioria centrados nas narrativas das trajetórias profissionais docentes, e propõe uma metodologia – *Círculos de Contação de Si* – que articula história de vida, arte e intervenção social, tendo como público-sujeito os jovens e as jovens da periferia, território no qual esses sujeitos buscam a *figuração de si* (DELORY-MONBERGER (2008, p. 8) ao mesmo tempo que enfrentam as situações de violência, vulnerabilidade social e afirmação de suas vidas.

Este *paper* tem, pois, como propósito situar, fundamentar e apresentar brevemente a metodologia *Círculos de Contação de Si*, tecido coletivamente com dezesseis jovens da periferia de Fortaleza (CE) e a ONG Diaconia, utilizado atualmente como um instrumento teórico-metodológico de pesquisa e formação de jovens.

METODOLOGIA

Círculos de Contação de Si busca ancoragem teórica e metodológica na autobiografização ou histórias de vida (DELORY-MOMBERGER, 2008;2010; JOSSO, 2004; 2012; PINEAU, 2006), na perspectiva museológica da educação (CABRAL, 2012; BARÃO,

¹ A pesquisa teve como título “Autobiografização e formação de juventudes: uma reflexão sobre a produção da vida na periferia” (BRAGA, 2012).

² Bairro situado na periferia de Fortaleza (CE), cuja população residente é de 42.494 pessoas, das quais 4.380 (10,30%) estão na faixa de 15 a 19 anos e 15.169 na faixa etária de 20 a 39 anos. O Pici é o sexto bairro da capital em condições de extrema pobreza (IPECE, 2012).

³ A abordagem autobiográfica tem como objeto de estudo o indivíduo, na sua singularidade e trajetória formativa. Sua utilização se intensifica na década de 80 do século XX, com o objetivo de renovar, metodologicamente, a pesquisa em ciências humanas, contrapondo-se ao paradigma dominante, que tem como pilares a objetividade e a intencionalidade nomotética. Os principais autores que trabalham com essa abordagem são: Pierre Dominicé (1988, 2006); Gaston Pineau (2006); Delory-Momberger (2000); M. C. Josso (2001 e 2004); Antonio Nóvoa (1992); Mathias Finger (1992), dentre outros e outras.

2001), nas “tecnologias do eu” (FOUCAULT, 1988, 1984) e “experiência de si” (LAROSSA, 2001), bem como no conceito de multirreferencialidade (ARDOINO, 1998) e na ideia de “cenas fulgores”, um componente utilizado nos *Círculos de Contação de Si* apoiado no conceito de “corpo biográfico” (JOSSO, 2012). A seguir, de forma abreviada, fazemos menção a cada referência apresentada, de modo a evidenciar alguns pressupostos do dispositivo.

Perspectiva museológica da educação

A perspectiva museológica da educação parte da compreensão de uma nova abordagem sobre a Museologia, o *processo museológico* e a *concepção de patrimônio cultural*. É necessário compreender esses conceitos para adentrarmos na importância dessa perspectiva para a Metodologia Museu das Juventudes.

A nova visão de museologia entende *museu* não como “um local onde se guarda coisas antigas” (organizado segundo a tríade *edifício/coleção/público*), onde o *patrimônio cultural* é considerado como aquilo que é reconhecido como herdado de gerações passadas, aquilo que é construído como referencial identitário e mesmo aquilo que é construído para suportar (ser suporte de) uma memória (Barão, 2001), mas como um lugar de poética, ou seja, do fazer e um fazer que agrupa saberes diversos, tal como a bricolage (Cabral, 2002); como “fórum, lugar de encontro, espaço de debate, um lugar em que as coisas se produzam e não apenas o já produzido é comunicado” (Cabral, 2002). Nessa perspectiva, concordamos com Santos (2001), quando afirma que o fazer museológico é compreendido como um processo caracterizado pela aplicação das ações de **pesquisa, preservação e comunicação**. Nesse sentido, o patrimônio cultural é compreendido como a relação do homem com o meio, ou seja, o real, na sua totalidade material, imaterial, natural e cultural, em suas dimensões de tempo e de espaço (Santos 2001). Portanto, os bens culturais não estão restritos somente a saberes, objetos, identidades e memórias herdados ou circunscritos ao passado, mas também ao cotidiano, aos bens dinâmicos, em transformação em uma comunidade ou na vida de um grupo, a partir de uma nova tríade: território/patrimônio/população.

A partir dessa perspectiva, a CCS implica em um conjunto de ações e processos voltados para o mapeamento, a pesquisa e comunicação do cotidiano, das relações, dos saberes, dos fazeres, das versões/expressões de mundo pessoal e coletivo e dos movimentos próprios das culturas juvenis dos grupos populares, qualificados enquanto patrimônio cultural, imersos nos diferentes territórios. À luz dessa perspectiva, *Círculos de Contação de Si* é

lugar, movimento, encontro e comunicação das culturas juvenis populares, é processo socioeducativo, é espaço propício à difusão e reflexão acerca dos percursos, trajetórias, das memórias das lutas e resistências das juventudes nas suas múltiplas linguagens e em contextos sociais e históricos diversos.

“Tecnologias do Eu” e a “Experiência de Si”

O *Círculos de Contação de Si* tem forte assento nos processos subjetivos, não na perspectiva psicologizada, mas no que se refere aos processos e práticas que são mobilizados e acessados pelos segmentos juvenis na construção de si e de seus projetos de vida – pessoal e coletiva. Importa para a CCS os conceitos de “tecnologias do eu” e “experiência de si”, trabalhados em Michel Foucault e Jorge Larossa.

Concordamos com Foucault e Larossa quando falam do processo de transformação de indivíduo para sujeito, processo este que envolve a mobilização de vários dispositivos ligados a uma ética da existência, chamados por Foucault (1971) de “artes da existência”, “tecnologias do eu”, “técnicas de si”. Tratam-se de práticas reflexivas e voluntárias através das quais as pessoas fixam sua conduta, se transformam e modificam seu singular e fazem de sua vida uma obra que contém valores estéticos respondendo a critérios de estilo. Ora, se esses dispositivos são responsáveis pela constituição das pessoas, de suas versões/expressões de mundo, de suas opções e projetos de vida, interessa à metodologia CCS facilitar processos, ações e situações que tragam à tona esses dispositivos, principalmente aqueles que são mobilizados pelos diferentes segmentos juvenis na constituição de si, e que se tornam mecanismos motivadores e norteadores de suas condutas e opções pessoais e coletivas. Interessa à CCS conhecer aquelas “tecnologias de si” apropriadas pelos setores dominantes e usadas para manipular a existência juvenil.

Da mesma forma, é importante o conceito de experiência defendido por Larossa. Larossa (1994) define experiência como aquilo que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca; como um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova; é a passagem da existência, é travessia, é viagem; fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança, que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma; é deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso.

Ora, para tornar-se sujeito dessa experiência, no sentido de ser “território”, “passagem”, “estrada” dessa experiência, requer-se uma postura pedagógica, que é também um modo de ser perante a própria existência: requer pensar, parar para olhar, parar para

escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Larossa, 1994). Podemos dizer, na perspectiva de Larossa, que o saber que deriva, que é parido dessa experiência (existencial) é, na verdade, o que dá sentido a própria existência, é o que instrui e guia a própria vida, que nos possibilita conhecer e dialogar com nossa singularidade, com nossa constituição ou existencialidade pessoal e coletiva. Ora, é esse saber de experiência onde se assenta um jeito de viver (uma ética) e maneira de expressar esse viver (uma estética, um estilo).

Implica para a CCS assumir uma postura e uma perspectiva pedagógica que seja capaz de desencadear, facilitar processos, ações e situações que identifiquem, sistematizem e trabalhem as experiências educativas/formativas dos sujeitos juvenis (sejam eles, masculinos, femininos, outros) e dos saberes a elas inerentes que de fato tenham significado e sentido para esses segmentos, para seus projetos pessoais e coletivos. Esses processos, ações e situações não podem ser ligados ou presos ao movimento do instituído (âmbito do controle, do enquadramento, da cooptação e manipulação). Devem ser pensados a partir do instituinte (âmbito da criatividade, da liberdade criadora, da intuição, da ousadia, etc.).

A perspectiva da biografização de Delory-Momberger

A metodologia *Círculos de Contação de Si* busca inspiração e ancoragem teórica no conceito da *biografização*, trabalhado por Delory-Monberguer (2008), que o compreende como uma ação de *figuração de si* que se atualiza na ação do sujeito e da sujeita ao narrar sua história. Através desse conceito a CCS toma emprestado o “Ateliê Autobiográfico” de Delory-Momberger, tratado por ela como um método através do qual “o ser humano apropria-se de sua vida e de si mesmo por meio de histórias”. O ser humano escreve no espaço a figura de sua existência. [...]. É a autora que diz

O espaço-tempo segundo o qual figuramos os limites de nossa existência é de fato aquele no qual nascem nossas histórias, ou seja, construções, segundo as quais apreendemos nossa vida. Jamais atingimos diretamente o vivido. Só temos acesso a ele pela mediação das histórias. Quando queremos nos apropriar de nossa vida nós a narramos (DELORY-MOMBERGER, 2008).

Ela também diz

É a narrativa que confere papéis aos *personagens* de nossas vidas, que define posições e valores entre eles; é a narrativa que constrói, entre circunstâncias, os acontecimentos, as ações, as *relações* de causa, de meio, de finalidade; que polariza as linhas de nossos enredos entre um começo e um fim e os leva para sua conclusão [...]. É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida; é ela, enfim, que dá uma *história* a nossa vida: *não fazemos a narrativa porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida* (Delory-Momberger, 2008).

A CCS utiliza o “Ateliê Autobiográfico” por acreditar, como Delory-Momberger, que as histórias de vida, a narração de si pode levar a um projeto emancipado de si, visto que, ao favorecer aos jovens e às jovens processos e ações dirigidos à narração de si, propondo a esses segmentos a apropriação de sua história, de suas experiências, do vivido, os jovens e as jovens tornam-se autores e autoras de sua formação. Acreditamos que as experiências de narração de si que os jovens e as jovens fazem e farão através dos *Círculos de Contação de Si* podem contribuir para estes segmentos encontrem em si mesmo, e no coletivo ao qual estão vinculados e vinculadas, os motivos e a força para se (a) firmar, agir e interagir no mundo social, no mundo do trabalho e na sociedade. Nesse sentido, podemos dizer que a biografização possui uma estreita relação com os processos educativos e formativos, relação essa que será garantida na CCS. Os processos (auto) biográficos a serem favorecidos por essa metodologia estarão a serviço dos processos formativos, visto que os segundos são intrínsecos aos primeiros.

A abordagem multirreferencial de Jacques Ardoino

Finalmente, a CCS tem na abordagem multirreferencial de Ardoino outra inspiração e sustentação teórica. Parte da compreensão de que é impossível entender o mundo e as culturas juvenis apenas a partir de um único olhar ou a partir da abordagem tradicional. Parte também do entendimento de que o mundo juvenil é diverso, é um mosaico de possibilidades, experiências e perspectivas.

Nesse sentido, a multirreferencialidade, baseada em Jacques Ardoino, torna-se importante para a CCS porque toma o humano e as práticas sociais em sua complexidade e heterogeneidade. Valoriza a pluralidade presente nos fenômenos e nos processos sociais. A juventude é um conceito complexo e relacional, portanto difícil de ser apreendido a partir de uma única perspectiva. Além disso, vivemos um tempo de confusão, incertezas e desordem,

marcado por transformações sociodemográficas, culturais e níveis desiguais de desenvolvimento entre regiões, estados e municípios, impactando diretamente as classes populares, principalmente os segmentos juvenis. Nesse contexto, o ser humano é caracterizado por uma multideterminação de fatores: sociais, econômicos, políticos, psíquicos.

A abordagem multirreferencial nos convida a compreender as realidades e os contextos juvenis a partir de um olhar bricolado, um olhar que se tece no encontro e confronto com essas realidades, exigindo uma postura que valoriza as diferenças, a pluralidade, a heterogeneidade e as diversas linguagens do conhecer, do refletir e do atuar.

1. As etapas dos Círculos de Contação de Si

Depois de apresentar abreviadamente os pressupostos teórico-metodológicos do dispositivo CCS, adentramos agora nas etapas ou passos de sua operacionalização⁴, na figura a seguir:



Fonte: Elaboração dos autores

Vejamos como mais detalhe cada uma das etapas:

⁴ O processo de operacionalização da CCS que ora expomos está relacionado à vivência que tivemos na pesquisa já referida neste trabalho. Na época, ela teve como intuito identificar e analisar como os jovens e as jovens tecem a produção da vida imbricada na formação, detectando os processos de subjetivação, participação e autonomização juvenis, concluindo com os *Projetos de Si*, última etapa do dispositivo.

- **Etapa 1:** Acordos e negociações. Esta etapa consistiu na escolha ou seleção dos jovens e das jovens com os quais o trabalho foi desenvolvido. Neste momento, foi apresentado a proposta da pesquisa e o desafio de construção coletiva dos Círculos de Contação de Si construídos no processo. Os jovens e as jovens se comprometeram de participar de todas as vivências e etapas do trabalho;
- **Etapa 2:** Construção da Linha da Vida – tecendo das histórias de vida e formação. Foi o momento no qual a pessoa apropriou-se de sua vida e de si mesmo por meio de suas histórias. A Linha da Vida (LV) considerou as seguintes dimensões da vida dos jovens e das jovens: vida familiar (dimensão parental), estudantil-universitária (dimensão cognitiva), laboral, ócio-criativo, sociocomunitário, transcendental ou espiritualidade, afetivo, sensório-intuitiva. A LV foi construída de forma simples, onde cada um e cada uma construiu um cartaz, demarcando o período a partir do qual passaria a lembrar e registrar os fatos e as situações de sua trajetória de vida;
- **Etapa 3:** Construção das narrativas de vida, que deve considerar ou tomar como base a Linha da Vida, construída na fase anterior. Com base na LV, os jovens e as jovens passaram a escrever sua trajetória, agora procurando registrá-la em forma de um texto. O trabalho foi feito de forma individual;
- **Quarta Fase:** Socialização das narrativas, onde se vivencia uma escuta sensível da narrativa do outro e da outra;
- **Etapa 3:** Reflexão dialógica sobre as Narrativas de Vida. Esta etapa consiste na criação de um espaço para a reflexão individual e coletiva das histórias de vida, considerando dois momentos: *o primeiro* diz respeito à produção autorreflexiva de cada um sobre sua narrativa (diálogo consigo mesmo); *o segundo*, a produção reflexiva coletiva (diálogo com o outro), que se tece a partir do entrelaçamento das narrativas, onde construímos sentidos e significados a partir do diálogo que fazemos com a experiência e a narrativa do outro. Após o trabalho de grupo, deve-se fazer uma socialização. O grupo, dupla ou trio, que assumiu o papel de refletir sobre a experiência, compartilha suas descobertas ou achados. Finalizamos este momento, aprofundando a dimensão dialógica das experiências;
- **Etapa 4:** Apresentação e reflexão a partir de sons, imagens e cenas fulgores. Esta etapa consiste na criação, por cada participante, de um som ou imagem, o que chamamos de cena fulgor, através da qual apresente ou socialize sua narrativa de vida,

agora utilizando outra linguagem, favorecendo assim novas leituras e versões de si e do outro;

- **Etapa 5:** Construção do Projeto-Futuro. Por Projeto-Futuro entendemos um conjunto de decisões que o jovem e a jovem deverão tomar, considerando a relação de sua história de vida com os saberes e a formação proporcionada pelas vivências individuais e coletivas que teve com a metodologia Círculos de Contação de Si.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em função dos limites de espaço neste artigo, socializamos aqui apenas o trabalho com a Linha da Vida, uma das etapas dos Círculos de Contação de Si.

O trabalho com a Linha da Vida foi inicialmente interessante, pois permitiu aos jovens e às jovens a organização/estruturação dos acontecimentos e seus percursos no tempo e nos espaços de suas vidas, entendendo esses acontecimentos e percursos como movimentos formativos. Antes propriamente de narrar a sua história de vida, era importante que os sujeitos figurassem o curso de sua existência e os lugares (físicos, simbólicos e psicológicos) que nela ocuparam e ocupam as situações, os acontecimentos numa Linha da Vida. Esse processo contribuiu para organizar a mente, mobilizar um pensar articulado, integrado, globalizante e um refletir complexo – tecido junto.

A Linha da Vida serviu então para organizar, dar suporte e facilitar o processo de biografização, no sentido defendido por Delory-Momberger (2008, p. 27):

[...] como uma *hermenêutica prática*, um quadro de estruturação e significação da experiência por intermédio do qual o indivíduo se atribui a uma figura no tempo, a uma história que ele reporta a um *si mesmo*.

Os sujeitos, pelo volume de acontecimentos que experienciam, processam e guardam, principalmente em contextos atribulados e situações difíceis, nem sempre conservam e percebem organizada e nitidamente os sentidos e significados de suas experiências. Portanto, os espaços-tempos biográficos não são criações espontâneas, nascidas unicamente da vontade ou da iniciativa individual, dependem das histórias e dos contextos culturais de cada um e de cada uma, bem como dos modelos como cada um e cada uma figura suas histórias e constrói relações consigo mesmo, consigo mesma e com a coletividade, tecidos pelas sociedades em que vivem (DELORY-MOMBERGER, 2008). Sem sombra de dúvida o recurso da Linha da Vida foi fundamental para figurar e alinhar o conjunto do vivido, ao mesmo tempo fazer as leituras e reflexões, atravessando e cruzando informações, situações, acontecimentos e

experiências.

A CCS contribuiu para organizar a mente, mobilizar um pensar articulado, integrado, um refletir complexo – tecido junto, e a sistematização das histórias de vida no processo de biografização, tendo sido possível reflexionar sobre aspectos da vida dos jovens e das jovens, de sua trajetória formativa, relacionados à dimensão familiar, à dimensão cognitivo-experiencial, a dimensão coletiva, à dimensão estético-expressiva e a dimensão laboral.

CONCLUSÃO

Tomamos as histórias de vida como processos de figuração de si, como um processo de formação em ato, onde os sujeitos, pela narrativa de suas vidas, refletiram sobre seus percursos formativos, revelaram como se tornaram o que são hoje e como pretendem dar continuidade às suas trajetórias formativas, operando seus posicionamentos e reposicionamentos sociais. Assim procedemos utilizando os *Círculos de Contação de Si*, organizando e analisando os dados obtidos utilizando essa metodologia. As histórias de vida formam para a vida, pois elas próprias, pelo processo de figuração de si realizado pelos jovens e pelas jovens, encarregam-se de apontar os horizontes de possibilidades, trazendo à tona projeções dos sujeitos juvenis. Trata-se assim do encontro dos sujeitos juvenis com seus possíveis, onde os jovens e as jovens descobrem-se em suas potências e desvelam-se como indivíduos-projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARDOINO, J. Abordagem multirreferencial: a epistemologia das ciências antropológicas. **Palestra** proferida na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Faculdade de Psicologia, no dia 14.10. 1998c.

_____. **A formação do educador e a perspectiva multirreferencial**. Mini-Curso ministrado na Universidade Federal de São Carlos - Departamento de Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação, no período de 15 a 16.10. 1998d.

_____. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. *In*: BARBOSA J. ARGIMON, Irani Iracema de Lima. **Evasão escolar sob a ótica psicológica**. **Porto Alegre, 1997**. Dissertação (Mestrado em Educação) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.G. (coord.). Multirreferencialidade nas ciências e na educação. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998e. p. 24-41.

CABRAL, M. Educação em Museus como produto: Quem está comprando? *In*: CONFERÊNCIA DE NAIOROBÍ, 2002. **Anais...** Contribuição para o documento conjunto do

CECA-Brasil, n. 1.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Biografia e Educação: figuras do indivíduo-projeto. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

FOUCAULT, M. Arqueologia do saber. Tradução brasileiro Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

JOSSO, M. C. Experiências de vida e formação. São Paulo, Cortez, 2004.

_____. O corpo biográfico: corpo falado e corpo que fala. In: Educ. Real., Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 19-31, jan./abr. 2012.

LAROSSA, Jorge B. Tecnologias do eu e educação. In: Silva, Tomaz Tadeu. O sujeito da educação. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86

PINEAU, G. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa açãoformação existencial. Educação e Pesquisa, v. 32, n. 2, p. 329-346, maio/ago., 2006.

SANTOS, Maria Celia T. Moura. Museu e educação: conceitos e métodos. São Paulo: USP, 2001.